

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, POPE E VERGÍLIO: A PROPÓSITO DA TRADUÇÃO DE UMA ÉCLOGA

FRANCISCO TOPA*

Resumo: *O artigo aborda uma tradução inédita, provavelmente da autoria de Cláudio Manuel da Costa, de Messiah: a sacred eclogue, in imitation of Virgil's Pollio, de Alexander Pope. Para além do estudo da tradução — que tem uma versão em prosa e outra em verso —, apresenta-se também a edição do manuscrito.*

Palavras-chave: *Cláudio Manuel da Costa; Alexander Pope; Messiah: a sacred eclogue; Tradução.*

Abstract: *The article discusses an unpublished translation, probably written by Cláudio Manuel da Costa, of Messiah: a sacred eclogue, in imitation of Virgil's Pollio, by Alexander Pope. In addition to studying the translation — which has a prose and a verse version —, the edition of the manuscript is also presented.*

Keywords: *Cláudio Manuel da Costa; Alexander Pope; Messiah: a sacred eclogue; Translation.*

Alexander Pope é um dos mais importantes poetas ingleses do século XVIII e um dos que obteve maior recetividade e exerceu maior influência nas literaturas estrangeiras do Ocidente. Apesar disso, está por fazer uma avaliação sistemática dessa influência, pelo menos no caso das literaturas de língua portuguesa. No domínio concreto da tradução das obras de Pope, foi, contudo, dado há pouco um passo decisivo com a dissertação de mestrado de Gabriel de Abreu Machado Gaspar (2020)¹.

Por ela ficamos a conhecer uma lista com um pouco mais de uma dezena de traduções de obras do poeta londrino, elaboradas entre a segunda metade de Setecentos e os primeiros anos da centúria seguinte. A mais antiga dessas versões é de 1759, isto é, 15 anos depois da morte de Pope (Gaspar 2020, pp. 134-141), incluindo a lista, para além de poemas isolados, obras como *Essay on Man*, *An Essay on Criticism* ou *Eloisa to Abelard* e contando-se entre os tradutores poetas e intelectuais da dimensão da Marquesa de Alorna, D. Leonor de Lencastre, e do matemático José Anastácio da Cunha.

No caso do poema que motiva este artigo, *Messiah: a sacred eclogue*, Gaspar (2020, p. 139) menciona a tradução para latim² publicada por Guilherme Bermingham em 1814 no *Jornal de Coimbra*³. Ora, a verdade é que tal versão tinha saído já em folheto

* U. Porto/CITCEM (ORCID: UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: ftopa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

¹ Dando continuidade a trabalhos como o de Jorge Bastos da Silva (2000).

² A primeira versão para essa língua tinha sido feita em 1728 por Samuel Johnson.

³ *Jornal de Coimbra*. 1814-04, n.º XXVIII, parte II, pp. 212-223.

autónomo meio século antes, em Nápoles⁴. Além disso, há uma interessante tradução para português que permaneceu manuscrita e a que pouca ou nenhuma atenção tem sido até agora dispensada. Assinada por «C. M. da C.», figura nas páginas 62-82 do códice 11438 da Biblioteca Nacional de Portugal. Adquirido em 1979, o manuscrito foi dado a conhecer por Rodrigues Lapa, a partir de informação do poeta e investigador Pedro da Silveira, e tem desde então gerado estudos e motivado a publicação de algumas das suas peças, com destaque para o recente trabalho de Carlos Versiani dos Anjos (2019). A razão maior do interesse dos investigadores reside no facto de muitos textos — que apresentam «C. M. C.» ou «C. M. da C.» como indicação de autoria — serem considerados de Cláudio Manuel da Costa. Embora não seja prova decisiva de paternidade, o peso de tais abreviaturas é, segundo Versiani dos Anjos, reforçado por «outra assinatura, o estilo poético de Cláudio Manuel da Costa, identificado pelo estudo comparativo mais atento dos textos» (Anjos, org., 2019, p. 35).

No caso da tradução da égloga *Messiah*, o problema da autoria não é decisivo, embora tanto as iniciais quanto o conteúdo religioso do texto pareçam apontar para o poeta brasileiro na última fase da sua vida. Antes, contudo, de passarmos ao seu estudo, façamos uma breve apresentação do original de Pope.

Sob o título de *Messiah: a sacred eclogue, in imitation of Virgil's Pollio*, o texto teve a sua primeira publicação no *The Spectator*⁵, a 14 de maio de 1712. O poema vinha então acompanhado de uma série de notas com citações do Livro de Isaías⁶ referentes à vinda de um Messias. Nessa primeira edição, a fonte vergiliana surgia apenas indicada no título. Mais tarde, em 1717, quando o texto foi incluído em *Works*, passou a estar precedido de uma nota explicativa, em tom de modéstia retórica, sobre as duas fontes utilizadas pelo autor:

ADVERTISEMENT

In reading several passages of the prophet Isaiah, which foretell the coming of Christ, and the felicities attending it, I could not but observe a remarkable parity between many of the thoughts and those in the Pollio of Virgil. This will not seem surprising, when we reflect that the Eclogue was taken from a Sibylline prophecy on the same subject. One may judge that Virgil did not copy it line by line, but selected such ideas as best agreed with the nature of Pastoral Poetry, and disposed them in that manner

⁴ *Messias: Ecloga Sacra Scripta Anglice ab Alexandro Popio: Latine reddita a Gulielmo Bermingham Presbytero*. Neapoli: Off. Simoniana, 1760.

⁵ Vol. 5, n.º 378.

⁶ Segundo os especialistas, Pope terá usado a Bíblia católica, na versão conhecida por Douai-Rheims, embora faça as citações a partir da versão anglicana. Alguns comentadores defendem também que tais notas, mais do que indicar as fontes do poema, seriam uma forma de Pope mostrar a ligação do seu *Messiah* e da égloga de Vergílio à longa tradição da literatura cristã.

which served most to beautify his piece. I have endeavoured the same in this imitation of him, though without admitting any thing of my own; since it was written with this particular view, that the reader, by comparing the several thoughts, might see how far the images and descriptions of the Prophet are superior to those of the Poet. But as I fear I have prejudiced them by my management, I shall subjoin the passages of Isaiah, and those of Virgil, under the same disadvantage of a literal translation⁷.

Por outro lado, como o refere este paratexto, o poema incluía também notas com passagens da égloga de Vergílio, traduzidas para inglês (à semelhança do que acontecia com as citações do Livro de Isaías).

A égloga de Vergílio é, ainda hoje, objeto de debate entre os classicistas. Escrita provavelmente em 42 a.C., é dedicada a Gaio Asino Polião, importante político que chegaria a cônsul dois anos depois e que foi também militar, literato e mecenas. O texto anuncia o nascimento de um menino salvador, cuja identidade tem vindo a ser objeto de múltiplas interpretações. Para alguns, o poema seria uma alegoria política, exprimindo um desejo de paz e a esperança numa nova Idade de Ouro, sinalizada pelo aparecimento de uma criança que tanto pode ser o filho de Polião como o rebento de Marco António e Otávia. Para outros, sobretudo na Antiguidade tardia e na Idade Média, o sentido seria mais de tipo espiritual: sublinhando a proximidade entre certas passagens da égloga e partes do Livro de Isaías, esses intérpretes viram no poema um conteúdo messiânico que corresponderia à figura de Cristo. Embora esta última leitura tenha sido depois abandonada, foi ainda acolhida por Pope, a avaliar pelo «Advertisement» acima transcrito.

É possível que Cláudio Manuel da Costa, a ser ele o autor, tenha refletido sobre a genealogia da égloga de Pope e tenha até acolhido a interpretação cristã do poema de Vergílio, mas a verdade é que não dispomos de elementos que o confirmem. Temos, contudo, um material que é pouco comum: uma tradução em prosa e outra em verso, a primeira mais literal, como seria de esperar, e a outra mais livre. Ou, para retomar uma expressão de longa tradição, uma tradução mais *ad verbum* e outra mais *ad sensum* — expressões que designam dois modelos tradutórios que foram discutidos durante muito tempo (e que ainda hoje não estão totalmente ultrapassados), inclusive no período neoclássico em que viveu Cláudio (cf. Gaspar 2020, pp. 103-117).

⁷ Todas as citações da égloga de Pope são feitas a partir da edição de 1903 mencionada na bibliografia.

O Messias
Egloga Sagrada, Escripção
por
Alexandre Pope, e traducida do Original
Inglês.

S'è entre vós, o Nymphas de Solyma,
De assumpto Celestial Sagrada Uilina,
Igual do grande objecto á mugestade
Seja do novo Cantilo a suavidade.
Louge das uersas meus de Appollo os montes,
Et Apriós bosques, e as musagoras fontes,
Não me decraio já de Aethiopia as Filhas
Nem do Pindo as florhadas maravilhas.
Ni que tãcaste de hum acharma ardente.
A lingua do Profeta balbuciente,
Vigór mais alto a minha voz inspira,
E torna digna de leis sons a Lira.
Nas futuras idades transportado
Abri'm começa o Oraculo sagrado
Ha de hum a Virgem conceber a Terra
Vira o fructo que seu ventre encerra

Fig. 1. Primeira
 página da
 tradução em verso
 Fonte: BNP. Cód.
 11438

82

Chuma porpeltica Luz, hum mar de gloria
Tira das tuas Torres a uitoria.
A Luz, a mesma Luz de ti se fia,
Espera o teu Deus o eterno dia.
Mares, e ficos Livin de tornar se em nada,
Das Rochas aduereca em ar voltada,
Os montes ruin, os montes abatidos,
Firmes do tempo sobre os vaons Quidos
Sous Testemunhos viverão brilhantes;
Eo poder, e a palavra triumphantes
Do teu Messias no feliz governo,
Ha de o teu Reino subsistir Eterno.

C. M. Sal. C.

Fig. 2. Página final
 da tradução, com a
 indicação de autoria
 Fonte: BNP. Cód.
 11438

Numa rápida análise à versão em prosa⁸, deve dizer-se que ela é, em geral, bastante fiel ao original, isto é, ao sentido literal do original, embora apresente alguns lapsos e empobreça o valor expressivo de certas expressões. Veja-se, por exemplo, o v. 25: «See lofty Lebanon his head advance». Na versão em prosa, temos «Vejo o Líbano levantar ao alto a sua cabeça», o que, não sendo propriamente errado, é pelo menos redundante e pobre. O problema é depois corrigido na segunda versão: «Vejo o Líbano ao alto erguer a testa» (v. 45). Noutros casos, a falha resulta de uma tradução demasiado literal, como é o caso de «homage pay» (v. 35), traduzido, em prosa, por «pagai a homenagem». Exemplo um pouco diferente é o do v. 49: «As the good Shepherd tends his fleecy care», em que se perde a expressividade de «fleecy care»: «Assim como o bom Pastor põe todo o cuidado no seu rebanho». Algo de semelhante acontece com o v. 100: «Nor ev'ning Cynthia fill her silver horn», que passa, no texto em prosa, a «nem a lua de noite encherá as suas prateadas pontas», com uma clara perda de expressividade resultante da anulação da antonomásia e da introdução do eufemismo. Já a tradução versificada, mantendo embora o eufemismo, recupera a força poética do original: «Nem variando a face brilhadora / As pontas juntará jamais a Lua.» (vv. 162-3).

Há também casos de opções discutíveis, como acontece de resto em todos os trabalhos deste tipo. Um exemplo é a tradução de «bard» (vv. 7 e 37) por «Profeta», de «spicy clouds» (v. 28) por «espessas nuvens», ou ainda de «noisome weed» (v. 76) por «ervas nocivas», num contexto em que se contrastam odores e em que, portanto, faria mais sentido «fétidas» ou palavra similar. Ocorrência semelhante é a do v. 22, em que «spring to light» é vertido como «saí à luz», assim se perdendo a graciosidade que havia em «saltar». Há também casos em que o tradutor desloca o adjetivo, assim modificando o original. Veja-se o caso dos vv. 5-6: «(...) O Thou my voice inspire / Who touch'd Isaiah's hallow'd lips with fire!», traduzidos em prosa por «Ó vós que tocastes com santo fogo a boca de Isaías, inspirai a minha voz». Ocorrências de tipo diferente são aquelas em que o tradutor opta por omitir uma palavra: é o que acontece com uma forma de imperativo como «Hark!» (v. 29) ou uma interjeição como «Lo» (v. 33), assim se perdendo em ambos os casos algum do dinamismo dos versos originais.

Por fim, temos ainda alguns lapsos. O v. 84, «And with their forky tongue shall innocently play» é traduzido como «brincar com a sua farpada língua e quebrado ferrão», o que suscita pelo menos duas observações. Por um lado, «forky» não é propriamente «farpada», mas antes «bifurcada, em forma de garfo, bífida»; por outro, não se justifica a transformação de «innocently» em «quebrado ferrão». Mais claro ainda é o que se verifica no v. 94: «And heap'd with products of Sabæan springs», cujo último sintagma é traduzido como «da primavera de Sabá», em vez de «das nascentes (ou correntes) de Sabá».

⁸ Que vem acompanhada de um conjunto de 25 notas com passagens do Livro de Isaías e de mais uma nota com o fragmento de um verso da égloga de Vergílio.

Concluída esta breve análise da tradução em prosa, passemos agora à versão versificada, começando por duas observações prévias. Em primeiro lugar, e como seria de esperar, ela é condicionada pela tradução em prosa que lhe serve de ponto de partida, sendo assim afetada por algumas das suas opções e falhas (ainda que estas sejam parcialmente contornadas, como veremos). Por outro lado, importa dizer que se trata de um texto que alarga de modo considerável o original: o poema de Pope tem 108 versos (quando a égloga de Vergílio, uma das suas fontes, é formada por apenas 63), ao passo que a tradução versificada de Cláudio Manuel da Costa apresenta 178. É certo que estas discrepâncias poderão, pelo menos em parte, ser explicadas pela natureza das línguas: é sabido que o latim é uma língua mais concisa que o inglês e que este último tende a ser mais sucinto que o português. De qualquer modo, não podemos deixar de reconhecer que o acréscimo de 70 versos por parte do poeta brasileiro revela de imediato que não estamos perante uma tradução mais ou menos *servil*, mas perante uma espécie de recriação, com alguma dose de intervenção pessoal, numa aplicação à tradução dos preceitos da poética clássica relativos à imitação.

Passando agora à análise da proposta de Cláudio, notemos antes de mais que ela respeita o modelo versificatório escolhido por Alexander Pope, o chamado *heroic couplet* (dístico heroico). Trata-se de um poema assente em dísticos rimados, idealmente com uma identidade morfossintática e semântica, correspondendo cada verso a um pentâmetro iâmbico, isto é, a um conjunto de cinco iambos (não no sentido latino de alternância entre sílabas breves e longas, mas no sentido de sucessão de sílabas átonas e tónicas). Tendo sido introduzida por Chaucer, a forma tem uma longa tradição na literatura inglesa, sendo considerados como seus melhores representantes John Dryden, no século XVII, e Pope, na centúria seguinte. Na tradução em verso de *Messiah*, Cláudio Manuel da Costa recorre ao dístico rimado, embora nem sempre os pares de versos constituam uma unidade, como se pode ver na seguinte passagem (vv. 17-24):

*Da raiz de Jessé lá vem brotando
O ramo que do Tronco uma Flor dando
De fragâncias inunda o Firmamento.
Que brando, que agradável movimento
Do Génio Criador nas folhas sinto!
Já sobre o cume seu alto e distinto
A misteriosa Pomba descer vejo!
Propícios Céus, enchei o meu desejo;*

Quanto à métrica, mantém-se o decassílabo, mas este é maioritariamente de tipo heroico (isto é, com acentos fortes na 6.^a e 10.^a sílabas), como é habitual na literatura de

língua portuguesa. Há, contudo, 42 versos de tipo sáfico⁹ (com acentuação predominante na 4.^a, 8.^a e 10.^a sílabas), dois que podem ser lidos de ambos os modos (vv. 7 e 64) e pelo menos dois outros que são pentâmetros iâmbicos, forma que é rara na versificação em português:

Vi/gor/ mais/ al/to a/ mi/nha/ voz/ ins/pi/ra (v. 11)

De/ mil/ Pa/lá/cios/ ve/jo a/ pom/pa er/gui/da! (v. 101)

Relativamente à tradução propriamente dita, as questões são semelhantes às que foram observadas na versão em prosa. Por um lado, como seria de esperar atendendo ao aumento global do número de versos, são frequentes os casos de acréscimo. Sirva de exemplo o dístico de abertura:

*Ye Nymphs of Solyma! begin the song:
To heav'nly themes sublimer strains belong.*

Na tradução de Cláudio, para além da passagem de «song» a «sagrada rima», é introduzido mais um dístico:

*Soe entre vós, ó Ninfas de Solima,
De assunto celestial sagrada rima;
Igual do grande objeto à majestade,
Seja do novo canto a suavidade.*

Algo de semelhante acontece com os vv. 5-6:

*(...) O Thou my voice inspire
Who touch'd Isaiah's hallow'd lips with fire!*

Cada um dos versos de Pope dá origem a um verso adicional, sendo também invertida a sua ordem (vv. 9-12):

*Sei que tocaste de uma chama ardente
A língua do Profeta balbuciente;
Vigor mais alto a minha voz inspira
E torna digna de teus sons a lira.*

⁹ Vv. 5, 6, 12, 15, 16, 28-30, 32, 48, 51, 54, 57, 62, 84, 94, 95, 97, 99, 102, 103, 105, 114, 116, 117, 120, 121, 126, 129, 138, 139, 141, 144, 154-156, 161, 171, 174, 175, 177 e 178.

Outro caso interessante é o dos vv. 73-74:

*Waste sandy valleys, once perplex'd with thorn,
The spiry fir and shapely box adorn;*

Na tradução de Cláudio, esse dístico passa a corresponder a cinco versos, com a particularidade de «shapely» ser vertido na curiosa forma «dedáleo» (vv. 118-122):

*Em vós, inúteis vales, estou vendo
Em vez da estéril mata dos espinhos
Surgir o tronco dos frondosos pinhos.
Já desde a nua, desprezada areia
Dedáleo buxo os ramos seus meneia;*

Em alguns casos, um simples nome é transformado num verso inteiro. É o que ocorre no v. 67 com «swain»: na versão em prosa, tinha passado a «Paisano», mas na tradução versificada dá origem a «O Habitador dos montes e da selva» (v. 110). Outros casos merecem relevo particular pela sua criatividade. Tal é o caso de «smiling» (v. 81), que passa a «cheia a boca / De riso» (vv. 134-5). Curiosa é também a transformação de «of Sabæan» (v. 94) em «Sábica» (v. 155).

Por último, vale a pena sublinhar que algumas soluções menos felizes da versão em prosa são corrigidas na tradução versificada. Veja-se o caso do v. 17: «All crimes shall cease, and ancient fraud shall fail», traduzido em prosa por «todos os crimes hão de cessar e o antigo engano ficará sem efeito». Na proposta final, o poeta consegue encontrar um resultado bem mais interessante para «shall fail»: «Os feros crimes e o engano antigo / Aos míseros mortais não farão dano» (vv. 32-3).

Muitas outras observações de pormenor poderiam ser feitas, mas creio que o mais importante é dar a conhecer o texto inédito atribuído a Cláudio Manuel da Costa, que virá transcrito de acordo com o modelo que tenho vindo a seguir para a edição de textos do mesmo período¹⁰. Será este um primeiro passo no processo de dar a conhecer e de promover o estudo das traduções efetuadas pelo poeta mineiro, as quais representam um elemento importante tanto para a avaliação do próprio Cláudio quanto da receção dos autores em causa. No caso de Pope, há por certo muito ainda por estudar no que diz respeito às marcas da sua obra nas literaturas de língua portuguesa. Para além dos sinais difusos que podem ser captados na poética de muitos autores de Setecentos, não podemos esquecer a influência dos seus poemas herói-cômicos (*The Rape of the*

¹⁰ Cf., por exemplo, Topa 2014, pp. 24-28. As citações bíblicas em latim foram confrontadas com uma versão atual da Vulgata, sendo corrigidos ligeiros lapsos, que vão devidamente assinalados. Em nota, apresento a versão em português.

Lock e The Dunciad) sobre poetas portugueses e brasileiros (como Cruz e Silva, Silva Alvarenga e Francisco de Melo Franco) ou o facto de o primeiro livro de poemas publicado em Angola (*Esportaneidades da minha alma*, de Maia Ferreira, datado de 1849), abrir o prefácio com uma epígrafe retirada de *An Essay on Criticism*. Mas isso será matéria para outros trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- AMES, Clifford R., 1988. False Advertising: The Influence of Virgil and Isaiah on Pope's Messiah. *Studies in English Literature, 1500-1900*. 28(3): *Restoration and Eighteenth Century*, Summer, 401-426.
- ANJOS, Carlos Versiani dos, org. 2019. *O Velho Cláudio: inéditos da maturidade de Cláudio Manuel da Costa*. Ouro Preto: Editora Liberdade.
- ARRUDA, Roberto, 2011. Bucólica IV de Virgílio: a identidade do puer. *Calíope*. 22, 98-108.
- BÍBLIA sagrada para o terceiro milénio da encarnação*. 4.ª ed. Coordenação geral de Herculano ALVES. Lisboa: Difusora Bíblica; Fátima: Franciscanos Capuchinhos, 2003.
- BIBLIA Sacra Iuxta Vulgatam Clementinam*. 11.ª ed. Nova editiologicis partitionibus aliisque subsidis ornata a Alberto Colunga, O.P. et Laurentio TURRADO. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- GASPAR, Gabriel de Abreu Machado, 2020. “*Em inglês brilhaste, em português agora brilhas*”: tradução e circulação das obras de Alexander Pope no mundo luso-brasileiro (1769-1819). Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal Fluminense.
- HERRMANN, Léon, 1952. *Les masques et les visages dans les Bucoliques de Virgile*. Paris: P.U.F.
- MACK, Maynard, 1988. *Alexander Pope: A Life*. New Haven: Yale University Press.
- POPE, Alexander, 1903. *The Complete Poetical Works*. Edited by H. W. BOYNTON. Boston; New York: Houghton Mifflin Co.
- SILVA, Jorge Bastos da, 2000. Milton e Pope em Portugal (Séculos XVIII e XIX): as traduções de F. B. M. Targini e o contexto da crítica. *Cadernos de Tradução* 1(V), 109-132.
- TOPA, Francisco, 2014. “*Qual é a cousa no mundo mais amada?*” Responde o Doutor João Mendes da Silva, pai de o “Judeu”. Introdução e edição por Francisco TOPA. Porto: Sombra pela cintura.
- VERGÍLIO, 1982. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de SAINT-DENIS. Paris: Les Belles Lettres.

ÉGLOGA SAGRADA

Escrita por Alexandre Pope e traduzida do original Inglês

Vós, Ninfas de Solima, começai o canto, e aos assuntos celestiais se devem os mais sublimes tons; as musgosas fontes, as sombras dos bosques, os sonhos do Pindo e as filhas de Aónia não mais me recreiam. Ó vós que tocastes com santo fogo a boca de Isaías, inspirai a minha voz.

Arrebatado aos futuros tempos, o Profeta começou: “Uma Virgem conceberá, uma Virgem parirá; da raiz de Jessé lá um ramo se levanta, cuja sagrada flor enche de fragância o Firmamento[”].

Os Espíritos etéreos sobre as suas folhas se hão de mover, e a mística Pomba descera sobre o seu cume. Vós, ó Céus, do alto derramai o orvalhoso néctar, e no brando silêncio espalhai o abundante chuva; a saudável planta assistirá ao fraco e ao enfermo, como abrigo nas tormentas e sombra no calor; todos os crimes hão de cessar e o antigo engano ficará sem efeito; a Justiça voltando, levantará ao alto a sua balança; a paz sobre o mundo estenderá o seu ramo de oliveira e a cândida Inocência descera dos Céus.

Ligeiros corram os anos e chegue o esperado dia; saí à luz, feliz Menino, nasci; eu vejo a natureza que se apressa a oferecer-vos as suas mais frescas capelas com todo o incenso da exalante primavera; vejo o Líbano levantar ao alto a sua cabeça e as florestas dançarem sobre os montes reclinadas; vejo elevarem-se espessas nuvens do humilde Sarán e o cume do florescente Carmelo encher de perfumes o Firmamento; eu ouço uma alegre voz que enche de prazer o solitário deserto. Preparai o caminho; um Deus, um Deus aparece; um Deus, um Deus os sonoros montes repetiam e os rochedos aclamaram a nova Divindade; já a terra a recebe dos curvados Céus; montes, abaixai-vos; vales, levantai-vos; vós, cedros com as cabeças levantadas, pagai a homenagem; aplanai-vos, ásperos rochedos; e vós, rápidas ondas, franqueai o caminho; chegou o Salvador anunciado pelos antigos Profetas; surdos, ouvi-o; cegos, vede-o; ele há de purificar o raio visual das espessas túnicas e derramar o dia sobre as cegas Pupilas; é ele quem há de desembaraçar os obstruídos ductos do som e ordenar que uma nova música recreie vossos ouvidos; cantará o mudo e o aleijado, abandonando as suas muletas, saltará alegre semelhante ao ligeiro cabrito.

Nem queixas nem suspiros ouvirá o vasto mundo; ele há de enxugar as lágrimas das faces humanas.

Em diamantinas cadeias a morte será ligada e o severo Tirano do Inferno sentirá a eterna ferida. Assim como o bom Pastor põe todo o cuidado no seu rebanho, procura o mais fresco pasto e o ar mais puro; busca a ovelha perdida, dirige a dispersa, conduzindo-a de dia e protegendo-a de noite; levanta em seus braços os tenros cordeirinhos, da sua

mão recebem o alimento e no seu regaço os aqueça; assim o prometido Pai das futuras idades terá todo o cuidado na guarda do género humano.

Nenhuma Nação se levantará mais contra a outra; os ardentes guerreiros não se hão de encontrar com odiosos olhos nem os campos ficarão cobertos de brilhantes armas; os clarins de bronze não mais acentuarão a raiva; porém as lanças inúteis se converterão em foices e as largas Espadas em ferros de arados; Palácios então serão levantados e o filho alegre acabará o que seu Pai na sua curta vida havia começado; as suas vinhas hão de dar uma sombra a sua geração e a mesma mão que semeou colherá os campos; o Paisano em estéreis desertos verá com admiração nascerem lírios e surgir pronta a relva; assustando-se de ouvir entre seus países novas correntes de águas, murmurando aos seus ouvidos; sobre despedaçados penedos, última habitação de Dragões, tremerão as verdes canas e se moverá o frágil junco; inúteis e arenosos Vales, embaraçados de espinhos em outro tempo, adornará o piramidal Pinheiro e o proporcionado Buxo; as florescentes Palmas hão de suceder aos arbustos menos frondosos e a cheirosa Murta às ervas nocivas; as Ovelhas com os Lobos apascentarão o verde prado e os rapazes hão de guiar os Tigres em florescentes bandos; o Bezorro e o Leão se hão de encontrar no mesmo presépio e as inocentes víboras lambendo os pés do Peregrino; o menino sorrindo tomará nas suas mãos o cristado Basilisco e a pintada Cobra, e alegrando-se de ver o verde lustre das escamas, brincará com a sua farpada língua e quebrado ferrão.

Levanta-te, imperial Jerusalém, levanta-te coroada de luzes; exalta a tua elevada cabeça; ergue os teus olhos, vê uma longa geração adornar teus espaçosos adros, vê de toda a parte levantarem-se em cerradas fileiras os filhos e as filhas ainda não nascidas, pedindo a vida impacientes pela glória celestial; vê bárbaras Nações esperarem às tuas portas, para gozar da tua luz e ajoelharem ao teu Templo; vê os teus brilhantes altares oprimidos com os prostrados Reis e enrequecidos com as produções da primavera de Sabá; para ti as florestas do Idomeu exalam os aromas e as sementes do oiro se abrasam nos montes de Ofir; vê o espaçoso Céu descobrindo as suas brilhantes portas e rompendo sobre ti em um dilúvio de luzes; não mais o sol nascendo doirá a manhã nem a lua de noite encherá as suas prateadas pontas, mas enfim dissolvidos em teus superiores raios, um mar de glória, uma manifesta luz inundará teus pátios; a mesma luz há de brilhar descoberta e o teu Deus será o eterno dia; os mares serão dissipados e os Céus desfeitos em fumo; os rochedos se reduzirão a pó e os montes serão abatidos; porém firme há de permanecer a sua palavra e o seu sábio poder; subsistirá o seu Reino eternamente e o teu mesmo Messias reinará.

LUGARES DE ISAÍAS QUE VÊM TOCADOS NESTA ÉGLOGA

1. Cap. 11. v.º 1. Et egredietur virga de radice Iesse, et flos de radice eius ascendet¹.
2. Cap. 45. v. 8. Rorate, caeli, desuper, et nubes pluant iustum; aperiat terra, et germinet Salvatorem².
3. Cap. 25. v. 4. Quia factus est fortitudo pauperi, fortitudo egeno in tribulatione sua, spes a turbine, umbraculum ab aestu³.
4. Cap. 9. v. 7. Multiplicabitur eius imperium, et pacis non erit finis; super solium David, et super regnum eius sedebit, ut confirmet illud et corroboret in iudicio et iustitia[, amodo et usque in] sempiternum^{4 5}.
5. Isaías Cap. 35. v. 2. Germinans germinabit, et exultabit laetabunda, et laudans: gloria Libani data est ei, decor Carmelli et Saron; ipsi videbunt gloriam Domini, et decorem Dei nostri⁶.
6. Cap. 40. v. 3. 4. Vox clamantis in deserto: parate viam Domini, rectas facite in solitudine semitas Dei nostri. Omnis vallis exaltabitur, et omnis mons et collis humiliabitur; et erunt prava in directa, et aspera in vias planas⁷.
7. Cap. 42. v. 18. Surdi audite; et caeci, intuemini ad videndum⁸.
8. Cap. 35. v. 5. 6. Tunc aperientur oculi caecorum. Et aures surdorum patebunt. Tunc saliet sicut cervus claudus, et aperta erit lingua mutorum⁹.
9. Cap. 25. v. 7 e 8. Et praecipitabit in monte isto faciem vinculi colligati super omnes populos (...) Praecipitabit mortem in sempiternum; et auferet Dominus Deus lacrymam ab omni facie¹⁰.
10. Cap. 40. v. 11. Sicut pastor gregem suum pascet; in brachio suo congregabit agnos, et in sinu suo levabit; foetas ipse portabit¹¹.

¹ Brotará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará das suas raízes.

² Destilai, ó céus, lá das alturas o orvalho, e que as nuvens façam chover a justiça. Abra-se a terra para que floresça a salvação.

³ Porque foste o refúgio do fraco, o refúgio do pobre na sua tribulação, amparo contra a tempestade e sombra contra o calor.

⁴ No original: *eternum*.

⁵ Dilatará o seu domínio com uma paz sem limites, sobre o trono de David e sobre o seu reino. Ele o estabelecerá e consolidará com o direito e com a justiça, desde agora e para sempre (Is. 10: 6).

⁶ Vai cobrir-se de flores e transbordar de júbilo e de alegria. Tem a glória do Líbano, a formosura do monte Carmelo e da planície do Saron. Verão a glória do Senhor, e o esplendor do nosso Deus.

⁷ Uma voz grita: «Preparai no deserto o caminho do Senhor, aplanai na estepe uma estrada para o nosso Deus. Todo o vale seja levantado, e todas as colinas e montanhas sejam abaixadas, todos os cumes sejam aplanados, e todos os terrenos escarpados sejam nivelados!».

⁸ Surdos, ouvi! Cegos, olhai e vede!

⁹ Então se abrirão os olhos do cego, os ouvidos do surdo ficarão a ouvir, o coxo saltará como um veado, e a língua do mudo dará gritos de alegria.

¹⁰ Neste monte, Ele arrancará o véu de luto que cobre todos os povos (...) Aniquilará a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces.

¹¹ E como um pastor que apascenta o rebanho, reúne-o com o cajado na mão, leva os cordeiros ao colo, e faz repousar as ovelhas que têm crias.

11. Cap. 9. v. 6. *Parvulus enim natus est nobis, et filius datus est nobis; et factus est principatus super humerum eius; et vocabitur nomen eius: Admirabilis, Consiliarius, Deus, [Fortis,] Pater futuri saeculi, Princeps pacis*¹².
12. Cap. 2¹³. v. 4. *Et iudicabit gentes, et arguet populos [multos]; et conflabunt gladios suos in vomeres, et lanceas suas in falces. Non levabit gens contra gentem gladium, nec exercebuntur ultra ad praelium*¹⁴.
13. Cap. 65. v. 20, 21, 22, 23. *Non erit ibi amplius infans dierum, et senex qui non impleat dies suos, quoniam puer centum annorum morietur, et peccator centum annorum maledictus erit. Et aedificabunt domos, et habitabunt; et plantabunt vineas, et comedent fructus earum. Non aedificabunt, et alius habitabit; non plantabunt, et alius comedit: secundum enim dies ligni erunt dies populi mei, et opera manuum eorum inveterabunt. Electi mei non laborabunt frustra, neque generabunt in conturbatione, quia semen benedictorum Domini est, et nepotes eorum cum eis*¹⁵.
14. Cap. 35, v. 1, 6, 7. *Laetabitur deserta et invia, et exultabit solitudo, et florebit quasi liliium. (...) Quia scissae sunt in deserto aquae, et torrentes in solitudine. Et quae erat arida, erit in stagnum, et sitiens in fontes aquarum. In cubilibus, in quibus prius dracones habitabant, orietur viror calami et iunci*¹⁶.
15. Cap. 41, v. 18 e 19. *Aperiam in supinis collibus flumina, et in medio camporum fontes, ponam desertum in stagna aquarum, et terram inviam in rivos aquarum. Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum, et lignum olivae; ponam in deserto abietem, ulmum, et buxum simul*¹⁷;
et Cap. 55, v. 13. *Pro saliuca ascendet abies, et pro urtica crescet myrtus*¹⁸.

¹² Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; tem a soberania sobre os seus ombros, e o seu nome é: Conselheiro-Admirável, Deus herói, Pai-Eterno, Príncipe de Paz (Is. 9: 5).

¹³ No original: 11.

¹⁴ Ele julgará as nações, e dará as suas leis a muitos povos, os quais transformarão as suas espadas em relhas de arados, e as suas lanças, em foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, e não se adestrarão mais para a guerra.

¹⁵ Não haverá ali criança que morra de tenra idade, nem adulto que não chegue à velhice, pois será ainda novo aquele que morrer aos cem anos, e quem não chegar aos cem anos será como um amaldiçoado. Construirão casas e habitarão nelas, plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão casas para os outros habitarem, nem plantarão vinhas para os outros vindimarem. Os anos do meu povo serão como os de uma árvore, e os meus eleitos usufruirão do trabalho das suas mãos. Não trabalharão mais em vão, nem hão de gerar filhos para uma morte repentina, porque serão a geração abençoada do Senhor, eles e os seus descendentes.

¹⁶ O deserto e a terra árida vão alegrar-se, a estepe exultará e dará flores belas como narcisos. (...) A terra queimada mudar-se-á em lago, e as fontes brotarão da terra seca. Nos covis onde repousavam os chacais, crescerão canas e juncos (Is. 35: 1, 8).

¹⁷ Farei brotar rios nos montes escavados e fontes do fundo dos vales. Transformarei o deserto num reservatório e a terra árida em arroios de água. Plantarei no deserto cedros e acácias, murtas e oliveiras. Farei crescer na terra seca o cipreste, ao lado do ulmeiro e do buxo.

¹⁸ Em vez das silvas, crescerão os ciprestes, em vez das urtigas, crescerá a murta.

16. Cap. 11, v. 6, 7, 8. *Habitabit lupus cum agno, et pardus cum haedo accubabit; vitulus, et leo, et ovis, simul morabuntur, et puer parvulus minabit eos. Vitulus et ursus pascentur, simul requiescent catuli eorum; et leo quasi bos comedet paleas. Et delectabitur infans ab ubere super foramine aspidis; et in caverna reguli, qui ablactatus fuerit manum suam mittet*¹⁹.
17. Cap. 65, v. 25. *Lupus et agnus pascentur simul, leo et bos comedent paleas, et serpenti pulvis panis eius. Non nocebunt, neque occident in omni monte sancto meo, dicit Dominus*²⁰.
18. Cap. 60, v. 1. *Surge, illuminare, Ierusalem, quia venit lumen tuum, et gloria Domini super te orta est*²¹.
19. Cap. 60, v. 4, 5. *Leva in circuitu oculos tuos, et vide: omnes isti congregati sunt, venerunt tibi; filii tui de longe venient et filiae tuae de latere surgent. Tunc videbis, et afflues, mirabitur et dilatabitur cor tuum, quando conversa fuerit ad te multitudo maris, fortitudo gentium venerit tibi*²².
20. Cap. 60, v. 3. *Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui*²³.
21. Cap. 60, v. 6, 10, 14. *Inundatio camelorum operiet te, dromedarii Madian et Ephá; omnes de Saba venient, aurum et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes. (...) Et aedificabunt filii peregrinorum muros tuos, et reges eorum ministrabunt tibi (...) Et venient ad te curvi filii eorum qui humiliaverunt te, et adorabunt vestigia pedum tuorum omnes qui detrahebant tibi, et vocabunt te civitatem Domini*²⁴.
22. Cap. 30²⁵, v. 26. *Et erit lux lunae sicut lux solis, et lux solis erit septempliciter sicut lux septem dierum*²⁶.
23. Cap. 60, v. 19 e 20. *Non erit tibi amplius sol ad lucendum per diem, nec splendor lunae illuminabit te; sed erit tibi Dominus in lucem sempiternam, et Deus tuus in*

¹⁹ Então o leão habitará com o cordeiro, e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito; o novilho e o leão comerão juntos, e um menino os conduzirá. A vaca pastará com o urso, e as suas crias repousarão juntas; o leão comerá palha como o boi. A criancinha brincará na toca da víbora e o menino desmamado meterá a mão na toca da serpente.

²⁰ O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão e o boi comerão palha, e a serpente comerá terra. Não haverá mais o mal nem a destruição em todo o meu santo monte. — Oráculo do Senhor.

²¹ Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!

²² Levanta os olhos e vê à tua volta: todos esses se reuniram para vir ao teu encontro. Os teus filhos chegam de longe, e as tuas filhas são transportadas nos braços. Quando vires isto, ficarás radiante de alegria; o teu coração palpitará e se dilatará, porque para ti afluirão as riquezas do mar, e a ti virão os tesouros das nações.

²³ As nações caminharão à tua luz, e os reis ao esplendor da tua aurora.

²⁴ Serás invadida por uma multidão de camelos, pelos dromedários de Madian e de Efá. De Sabá virão todos trazendo ouro e incenso, e proclamando os louvores do Senhor. Os estrangeiros reconstruirão as tuas muralhas, e os seus reis te servirão. (...). Os filhos dos teus opressores virão a ti humilhados, todos os que te desprezaram prostrar-se-ão a teus pés. Chamar-te-ão: «Cidade do Senhor».

²⁵ No original: 29.

²⁶ A Lua refulgirá como um Sol, e o Sol brilhará sete vezes mais.

gloriam tuam. Non occidet ultra sol tuus, et luna tua non minuetur, quia erit tibi Dominus in lucem sempiternam, et complebuntur dies luctus tui²⁷.

24. Cap. 51, v. 6. Levate in caelum oculos vestros, et videte sub terra deorsum, quia caeli sicut fumus liquescent, et terra sicut vestimentum atteretur, et habitatores eius sicut haec interibunt, salus autem mea in sempiternum erit, et iustitia mea non deficiet²⁸.

25. Cap. 54, v. 10. Montes enim commovebuntur, et colles contremiscent, misericordia autem mea non recedet a te, et foedus pacis meae non movebitur²⁹.

Virg. Ecl. 4, v. 10. (...) tuus iam regnat Apollo³⁰.

²⁷ Já não será o Sol que te iluminará durante o dia, nem a Lua durante a noite. O Senhor será a tua luz eterna, o teu Deus será o teu esplendor. Não se porá mais o teu Sol, e a tua Lua jamais se esconderá, porque o Senhor será a tua luz eterna e terão fim os dias do teu luto.

²⁸ Levantai os olhos ao céu, e observai lá em baixo, a terra: o céu passa como o fumo, e a terra gasta-se como um vestido. Os seus habitantes morrem como moscas, mas a minha salvação subsistirá sempre, e a minha justiça não terá fim.

²⁹ Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz nunca mais vacilará.

³⁰ já reina o teu Apolo.

O MESSIAS

Égloga Sagrada, Escrita por Alexandre Pope e traduzida do original Inglês

Soe entre vós, ó Ninfas de Solima,
De assunto celestial sagrada rima;
Igual do grande objeto à majestade,
Seja do novo canto a suavidade.

- 5 Longe dos versos meus de Apolo os montes,
Os frios bosques e as musgosas fontes;
Não me recreiam já de Aónia as Filhas
Nem do Pindo as sonhadas maravilhas.

- Sei que tocaste de uma chama ardente
10 A língua do Profeta balbuciente;
Vigor mais alto a minha voz inspira
E torna digna de teus sons a lira.

- Às futuras idades transportado
Assim começa o Oráculo sagrado:
15 Há de uma Virgem conceber; a Terra
Verá o fruto que seu ventre encerra.

- Da raiz de Jessé lá vem brotando
O ramo que do Tronco uma Flor dando
De fragâncias inunda o Firmamento.
20 Que brando, que agradável movimento
Do Génio Criador nas folhas sinto!
Já sobre o cume seu alto e distinto
A misteriosa Pomba descer vejo!
Propícios Céus, enchei o meu desejo;
25 O néctar orvalhoso de vós caia
E entre a luz da esperança que em nós raia,
O abundante chuva se derrame.

Não mais o enfermo pela cura clame,
Não gema o fraco, que a saudável Planta

- 30 As tristes fúrias boreais quebranta,
 E no calor do sol serve de abrigo[.]
 Os feros crimes e o engano antigo
 Aos míseros mortais não farão dano;
 Há de voltar do Trono soberano
- 35 A Justiça, nas mãos ao alto erguida
 Sustentando a balança; a Paz descida
 Estenderá seu ramo de oliveira;
 A cândida Inocência é companheira.
- Correi, anos ligeiros; chegue o dia[;]
- 40 Saí à luz, enchei-nos de alegria,
 Feliz Menino; eu vejo a natureza
 Que corre a destinguir vossa grandeza;
 Ela as frescas grinaldas vos vem dando,
 Da Primavera incensos exalando.
- 45 Vejo o Líbano ao alto erguer a testa
 E ondear sobre os montes a floresta;
 Sobem desde Sarão nuvens de incenso;
 De seus aromas o tesoiro imenso
 Florescente o Carmelo manda aos ares;
- 50 Eu ouço de Idumeia nos palmares
 A alegre voz que ao solitário grita:
 Preparai o caminho, ó gente aflita;
 Um Deus, um Deus se vê; nos horizontes
 Um Deus, um Deus, desde os canoros montes
- 55 Soar se ouviu! Das penhas escutada
 A nova Divindade é aclamada.
- Dos Céus curvados a recebe a Terra.
 Ergue-te, ó vale; abate a frente, ó serra.
 Vinde render-lhe, cedros, a homenagem;
- 60 Aplacai-vos, rochedos, dai passagem;
 E vós, rápidas ondas, o caminho
 Franco tornai ao Salvador vizinho;
 Dos antigos Profetas anunciado
 O prometido ao mundo é já chegado.

- 65 Ouvi, surdos; e vós, ó cegos, vede.
Das túnicas espessas ele a rede
Aos raios visuais desembaraça;
Ele aos olhos dessipa a sombra crassa;
Ele os ductos do som que acha obstruídos
70 Purga, e de um novo canto enche os ouvidos.

O mudo há de cantar, e abandonando
As muletas o cocho, irá saltando,
Semelhante ao cabrito que ligeiro
Os vales atravessa e rompe o oiteiro.

- 75 Nem queixas nem mais dor, ó mundo, escutas.
As lágrimas humanas vejo enxutas;
De Diamante já presa às³¹ cadeias
Teu soberbo poder, ó morte, enfreias;
De um eterno flagelo instando a chaga
80 O Tirano Infernal seus crimes paga.

- Qual amante Pastor que o seu cuidado
Põe no rebanho, elege desvelado
O ar mais puro, o campo que é mais verde;
Que busca a ovelha que nos montes perde;
85 Dirige a que trasmalha; noite e dia
A conduz, a protege, que só fia
De seus braços os tenros cordeirinhos;
Dá-lhes de própria mão os sucozinhos
E no regaço seu brando os aquece;
90 Tal o bom Pai que aos homens aparece
Uma igual providência, igual ternura,
Por seus amados Filhos nos segura.

Não mais entre as nações ardendo a guerra,
Bárbara Alecto, assolharás a Terra;

³¹ às no original, forma que a análise sintática e métrica mostra ser equivocada, razão pela qual fiz a emenda.

- 95 Calcado o campo de Esquadrões funestos,
 Mais o não cobrirão brilhantes restos
 De rotas armas; os clarins feridos
 Não encherão de horror mais os ouvidos;
 Lanças em foices se verão tornadas;
 100 Hão de servir de arados as Espadas.

- De mil Palácios vejo a pompa erguida!
 Alegre o filho, o que na curta vida
 O Pai começa, terminar consegue.
 À longa geração que se lhe segue
 105 As suas vinhas darão sombra; avara
 À mesma mão que os campos semeara
 A Terra não será rendendo o fruto.
 No Terreno mais áspero e mais bruto
 Verá brotar o lírio, erguer-se a relva,
 110 O Habitador dos montes e da selva.
 Entre os seus países espantado
 O murmúrio ouvirá, em vão pensado[,]
 Das torrentes que o chão de novo abriga;
 Sobre penedos onde apenas gira
 115 De famintos Dragões o rasto imundo
 O mole junco pulará fecundo
 E as débeis canas tremerão nascendo.

- Em vós, inúteis vales, estou vendo
 Em vez da estéril mata dos espinhos
 120 Surgir o tronco dos frondosos pinhos.
 Já desde a nua, desprezada areia
 Dedáleo buxo os ramos seus meneia;
 De vencedora sombra o chão cobrindo
 Aos arbustos as Palmas vão suprimindo;
 125 E a murta, que o seu cheiro ao ar envia,
 Sucede à erva que o veneno cria.

Irá pastando o Lobo entre os Cordeiros;
 Em mil bandos à vista lisonjeiros
 Festivos moços com listões de flores

- 130 Hão de guiar aos Tigres matadores;
Em um mesmo redil, nos mesmos prados
Serão do seu Pastor acompanhados
O manso Toiro e o Leão ferino.
As Víboras os pés do Peregrino
- 135 Lamberão inocentes; cheia a boca
De riso, eis que o menino a pele toca
Da marchetada cobra; e namorado
Da verde escama do Dragão cristado
Lhe brinca alegre com a língua, e nota
- 140 O quebrado ferrão e a farpa rota.

- Ergue a cabeça, Imperial Solima,
De brilhadora Luz a testa anima;
Volta os olhos e vê teus átrios cheios
De uma bem longa geração que os seios
- 145 Abrem já das idades; vê por tudo
Qual de glória celeste ansioso estudo
Filhos e Filhas inda não nascidos
Impacientes arrasta! Vê detidos
Os bárbaros que às tuas portas batem,
- 150 E pedem que seus erros se desatem
Por bem da tua Luz, que se ajoelham
Ao teu Templo que os votos te aparelham!
Vê os prostrados Reis, que a teus altares
Vítimas trazem dos distantes Lares
- 155 Onde a Sábia produção respira!
É para ti que do Idomeu se tira
O precioso aroma; a ti somente
Deve o torrado Ofir de oiro a semente.
Aberta a porta, o Céu se te descobre;
- 160 De um chuvaire de Luz te alegre e cobre;
Jamais o dia há de incarnar a aurora;
Nem variando a face brilhadora
As pontas juntará jamais a Lua.
Dissolvida em teu rosto a cópia sua;

- 165 Apagado o esplendor dos Astros belos,
Se perderão dos dias os modelos,
E uma perpétua Luz, um mar de glória,
Fará das tuas Torres a vitória.
A Luz, a mesma Luz, de ti se fia,
- 170 E será o teu Deus o eterno dia.
Mares e Céus hão de tornar-se em nada;
Das rochas a dureza em ar voltada;
Os montes, sim, os montes abatidos;
Firmes do tempo sobre os vãos ruídos
- 175 Seus testemunhos viverão brilhantes;
E o poder e a palavra triunfantes
Do teu Messias no feliz governo,
Há de o teu Reino subsistir Eterno.

C. M. da C.